

Eleitorado não deixou pedra sobre pedra

Governadores, candidatos a vice-presidente, prefeitos das principais cidades, alianças irreais, currais eleitorais — não ficou pedra sobre pedra no quadro político atual, com os resultados da eleição. Apesar de ainda parciais, os números levaram os partidos políticos a caçar as suas bruxas e há impressão unânime de que a quantidade de perdas é suficientemente grande para ser distribuída por todos. Do PT (que perdeu nas cinco principais capitais que administra) ao PDT (que revelou a fragilidade política de suas alianças nordestinas), passando por todos os governadores, o eleitor voltou a repetir o recado que vem dando após a eleição de 1986, quando ainda votou maciçamente no Governo: agora, escolhe preferencialmente a oposição, qualquer que seja ela.

Nenhum governador pode dizer que venceu em seu Estado. Dos peemedebistas, alguns quase são varridos do mapa eleitoral, como o gaúcho Pedro Simon ou o mineiro Newton Cardoso. Moreira Franco e Orestes Quêrcia nada colheram para o deputado Ulysses Guimarães. O alto comando do PMDB, reunido em Brasília, registrou a impressão de que Ulysses teria os votos que teve, com ou sem esses governadores. O cearense Tasso Jereissati amarga um quarto lugar para Mário Covas no Estado, onde sonhava com o primeiro, embora se contentasse com um segundo.

CURRAIS

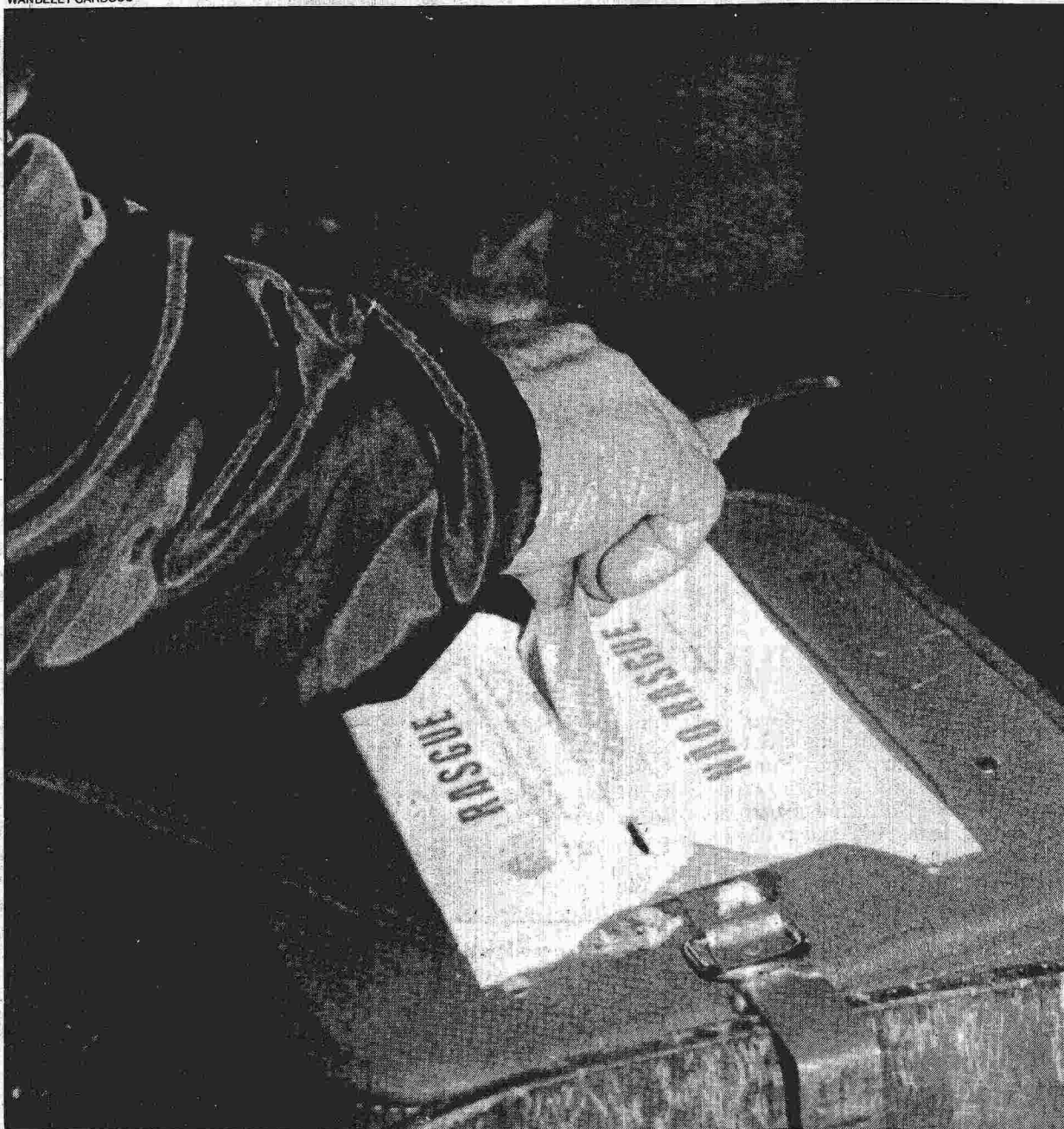
A derrota dos governadores, na avaliação dos políticos, significa que foram abaixo todos os currais eleitorais. Um único curral parece inexpugnável — o Rio

Grande do Sul para Leonel Brizola, embora seus votos ali não tenham vindo de máquinas eleitorais, mas por uma identificação do eleitor. O único governador que, mesmo não cantando vitória, pode não chorar a derrota, é Miguel Arraes (PE). Ele liberou todos os auxiliares para votar e houve uma corrida em direção ao PT de Lula, que venceu em toda a região metropolitana do Recife. O Governador Geraldo Mello (RN) passou alguns meses sendo cortejado por Ulysses, Covas e Collor. Ficou com Ulysses, mas seus votos não ficaram com ninguém.

Outra categoria de derrotados: os candidatos a vice-presidente. Montados em composições que pretendiam levar votos aos cabeças-de-chapa em locais onde tinham pouca expressão, os vices — sem exceção — nada somaram. José Paulo Bisol, político gaúcho, nada significou para Lula na terra de Brizola. Fernando Lyra perdeu na sua cidade natal (Caruaru) e não carregou votos para Brizola nem em Pernambuco nem no Nordeste. O senador Itamar Franco, político mineiro, não impediu que a votação **colorida** no Estado ficasse aquém do esperado.

Nem o ex-presidente Juscelino Kubitschek foi bom cabo eleitoral. Em Brasília, Collor terminou em terceiro lugar, apesar do apoio de dona Sara e da deputada Márcia Kubitschek. Prova de que o eleitor não está muito preocupado com símbolos. O PDT amargou decepção igual na capital do País. O senador Maurício Corrêa jurou a Brizola que ele estaria na ponta — e terminou em quarto lugar.

WANDELEY CARDOSO



O voto direto e secreto destruiu a hegemonia política de muitos coronéis e acabou com currais por todo o País.